



IDENTIDADE, RAÇA E GÊNERO EM TEMPOS DE GUERRA EM *MEIO SOL AMARELO* DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Thamirys Sousa Silva¹
Edna Sousa Cruz²

RESUMO

O presente trabalho intenta desenvolver um estudo acerca da dinâmica dos processos identitários norteados pelos acontecimentos que conduzem a narrativa do romance *Meio Sol Amarelo* (2008), da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O romance *Meio Sol Amarelo*, objeto deste trabalho, configura-se espaço de denúncia social e mecanismo de ruptura da narrativa etnocêntrica de um continente africano homogêneo e o imaginário de uma África de atraso, habitada por selvagens. Sob este prisma, discorre-se sobre o modo como a autora problematiza as relações entre História e Literatura como formas de conhecimento das questões humanas. Por meio de histórias plurais, o romance adichiano resgata a voz de sujeitos crítico-reflexivos, tencionando a superação das barreiras dos processos de silenciamento e apagamento experienciados pelas comunidades de matrizes africanas. De modo dialógico com as questões que giram em torno de raça, gênero e relações inter-raciais problematizadas em *Meio Sol Amarelo*, discorre-se acerca do processo de (des)construção identitária de suas personagens centrais, bem como a segregação étnica da qual são alvo. A leitura analítica dos dados indica que, a partir da memória de seu povo, Adichie fundamenta novas perspectivas sobre o debate racial e os desafios de ser mulher e negra na sociedade contemporânea, de modo a reforçar o perigo das versões e visões hegemônicas.

Palavras-chave: Identidade, Literatura africana, *Meio Sol Amarelo*, Autoria feminina.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa ocupou-se a explorar as relações entre História e Literatura imbricadas no romance *Meio Sol Amarelo* (2008), de Chimamanda Ngozi Adichie, posto que a Literatura pode atuar como importante meio de análise e compreensão das questões humanas e de suas construções discursivas. Partindo da problematização do tecido ficcional-simbólico do romance, buscou-se investigar a dinâmica dos processos de (des)construção das identidades pessoal, social e cultural das personagens centrais de *Meio Sol Amarelo* e os impactos que fenômenos sociais, como o contexto de guerra retratado na obra podem infligir sobre as noções de identidade de um indivíduo e de um povo.

¹ Graduanda do Curso de Letras Inglês Licenciatura da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, thamirys.silva@uemasul.edu.br;

² Professora orientadora. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, professora do curso de Letras e Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, edna.s.cruz@uemasul.edu.br



Baseado nos acontecimentos transcorridos durante a guerra civil nigeriana, também conhecida como Guerra do Biafra, *Meio Sol Amarelo* denuncia os horrores experienciados pelos biafrenses enquanto lutavam por sua sobrevivência tanto no aspecto físico quanto no emocional e moral. Adichie (2008) busca elucidar como a fragilidade política criada nos territórios africanos durante o colonialismo britânico adveio das políticas de dominação e exploração europeias. Políticas estas que manipularam as diferenças entre as tribos para impossibilitar a união de forças e a criação de um movimento de resistência bem articulado contra a opressão imperialista.

Após declarada a sua independência em 1960, a Nigéria encontrava-se fragmentada e sem um plano de desenvolvimento político e social que compreendesse toda a sua comunidade. Segundo Barbosa e Gomes (2021), foi essa incoerência política que levou ao agravamento das já existentes rivalidades políticas e das relações conflituosas entre as diferentes etnias nigerianas, dentre as quais se destacam a ibo e a hauçá. Com uma grande tensão entre as tribos associada às diferenças culturais e de interesses econômicos, em 1966 houve um golpe de estado por parte dos militares de maioria ibo, onde foram assassinados líderes políticos do norte do país.

As motivações para o golpe recaíram sobre o falso ideal de se eliminar a corrupção da Nigéria, que impedia o país de se desenvolver e agravavam as rivalidades étnicas no atual governo de maioria hauçá. O contragolpe hauçá ocorreu em julho do mesmo ano, promovendo um violento movimento de retaliação contra toda a comunidade ibo, que passou a ser perseguida e brutalmente massacrada. Então, em maio de 1967, os ibos declararam a criação de um novo e independente Estado: a República de Biafra, dando início a uma série de ataques e contra-ataques entre ibos e hauçás que ficaram conhecidos como Guerra Nigéria-Biafra (Barros, 2021).

É em torno deste cenário de extrema violência e do esforço dos biafrenses para construir um retrato plural de um momento brutal da história da Nigéria, que a narrativa de *Meio Sol Amarelo* (2008) se desencadeia. Para este estudo, nossas reflexões acerca da obra serão tecidas por meio da narrativa de três de suas personagens. Olanna é uma mulher que faz parte da burguesia nigeriana ibo, mas abre mão de sua vida na alta sociedade para se tornar professora universitária e viver com seu namorado Odenigbo. Richard é um jornalista inglês que sonha em se tornar escritor; no decorrer da trama ele relaciona-se com Kainene, irmã gêmea de Olanna. Ugwu, por sua vez, é um garoto de aldeia que vai trabalhar como empregado na casa de Odenigbo e se torna parte do núcleo familiar do casal durante a guerra.



Com uma escrita que reúne em seu bojo o hibridismo da tradição ancestral atrelada à herança colonial, a literatura africana produzida por mulheres imbrica consciência política e trabalho estético em um movimento de contestação de pressupostos opressivos sobre si e suas africanidades (Morais, 2017). Dessa corrente literária desconstrutora, destaca-se a escritora e ensaísta nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que vem se consagrando como um dos maiores nomes da literatura africana no cenário contemporâneo (Hewett, 2005). Apesar de ficcional, as narrativas criadas por Adichie caracteristicamente abordam temáticas sociais da Nigéria e questões políticas do país, sendo muitas vezes essas temáticas pertinentes à África como um todo e para além dela.

Em sua célebre palestra *O perigo de uma história única*, Adichie (2009) busca elucidar o imaginário etnocêntrico de uma África subserviente, carente e homogênea, que foi estruturalmente e ideologicamente engendrado como a verdadeira e absoluta identidade africana. A autora explica que, por meio de representações equivocadas, são constantemente reforçadas através de veículos midiáticos, e culturas como a africana são sempre retratadas de modo limitado a estereótipos, e atuam como objeto de estigmatização de um indivíduo e povo. Adichie (2009) advoga que, assim como o mundo é regido por questões de poder econômico e político, as representações de um povo também são determinadas a partir dessa mesma premissa de poder. Em outras palavras, a classe dominante utiliza-se do seu grande poderio político e econômico para reforçar a sua superioridade face aos grupos minoritários em um violento movimento de discriminação através da história.

Na desconstrução desses aparatos de opressão e subalternização da cultura africana, evidencia-se a importância de discursos como o de Adichie (2008; 2009), que trazem no bojo de sua escrita o peso da experiência sócio-histórica de ser negra(o) e mulher. De caráter desconstrutor, esses discursos rompem com o antagonismo entre dominador e dominado, colonizador e colonizado, a partir da abordagem crítica das diferentes realidades que compõem a cultura africana. Sob esse viés de rompimento com os estigmas sociais impostos sobre os povos que foram colonizados, entende-se que pesquisar sobre literatura africana, especialmente a de autoria feminina, constitui-se importante ferramenta no processo de superação da história única sobre as identidades africana e afrodescendente.

METODOLOGIA

Ao buscar compreender como ocorre a desconstrução da história única que fora política e socialmente engendrada acerca da narrativa africana, em *Meio Sol Amarelo* (2008),

este estudo dedicou-se, a princípio, ao aprofundamento da análise do romance. O desenvolvimento do estudo deu-se a partir da leitura de textos teóricos seguida da seleção de excertos da obra para análise.

Para melhor problematizar as temáticas que transitam pela obra, foram eleitas fontes teóricas que dialogam com temáticas que se desdobram sobre questões de raça, gênero, identidade cultural e social. O referencial teórico da presente pesquisa perpassa de modo incisivo por problemáticas como, colonialismo, feminismo negro, identidade africana e literatura pós-colonial. A análise interpretativa do romance foi desenvolvida a partir do esquadramento de fragmentos da obra, os quais articulam um expressivo diálogo com os temas abordados nesta investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A desconstrução de uma história única através de identidades múltiplas

Norteadado pelo pensamento articulado por Stuart Hall (2005), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, sobre a ideia de uma identidade estática, plenamente completa e coesa constituir-se em um mito, uma utopia, buscou-se analisar como ocorre a fragmentação da identidade das personagens centrais de *Meio Sol Amarelo* (2008). Entende-se que assim como Adichie (2008, p. 185) descreve a Nigéria da década de 1960, pós-independência, como “um conjunto de fragmentos presos por um frágil fecho”, as identidades nigerianas também encontravam-se fragmentadas, em um constante movimento de deslocamento.

No que tange a questão identitária atrelada a problemática racial elaborada em *Meio Sol Amarelo*, destaca-se a trajetória experienciada pela personagem Richard, jornalista inglês, que se muda para a Nigéria com a intenção de escrever um livro sobre o país. A princípio, a trama do romance apresenta Richard como um sujeito que teria tido as suas noções de identidade abaladas desde a infância quando a morte dos pais tornou imperativo que ele fosse morar com uma tia. Em um diálogo com Kainene, Richard dá pistas ao leitor de que nunca se sentira pertencente às suas origens, chegando a confessar que tentara fugir diversas vezes, mesmo sem saber direito do que e para onde.

A guerra irrompe, e juntamente com ela, Richard experiencia um conflito identitário ao se perceber como biafrense e parte do povo ibo. De acordo com Hall (2005), ao passo que as sociedades passam por transformações e as condições de vida são abaladas, os processos de produção de sentido e significado se diversificam, produzindo múltiplas formas de entender o



mundo e a si mesmo. A exemplo desse complexo processo de deslocamento identitário, cita-se a passagem do romance em que Richard, ao receber jornalistas estrangeiros, apresenta-se como representante da nação biafrense. Na ocasião, ele se empenha mostrar a realidade nos centros de refugiados biafrenses, quando um dos jornalistas o questiona sobre como as suas falas sempre o incluíam como biafrense, como pode ser observado a seguir:

“E o que Biafra está fazendo a respeito do petróleo, agora que perdeu o porto?”, perguntou o ruivo.

"Continuamos extraindo petróleo de alguns campos em que ainda temos controle, em Egbema", disse Richard, sem se dar ao trabalho de explicar onde fica Egbema. "Levamos o óleo cru para as nossas refinarias durante a noite, em caminhões sem farol, para evitar os aviões bombardeiros."

"Você não para de dizer nós", disse o ruivo.

"Exato, eu não paro de dizer nós." Richard deu uma olhada para ele. "Já esteve na África, antes?"

"Não, é a primeira vez. Por que?"

"Só queria saber." (Adichie, 2008, p. 429).

No excerto acima, Richard encontra-se fortemente incomodado com o dos jornalistas se mostrarem mais interessados em relatos sensacionalistas, o que eles descrevem como “biafrenses de verdade” (Adichie, 2008, p. 428). Os jornalistas mostram-se incrédulos sobre o fato de um homem branco falar em nome dos biafrenses e se considerar igual a eles. Através de acontecimentos como o trecho em discussão, Adichie (2008) usa de suas personagens para confrontar a história única de uma África selvagem, predominantemente habitada por negros, desmascarando a forma como essa ideologia é operada pelo eurocentrismo.

Ao se incluir nos feitos biafrenses, inserindo-se como participante de uma ação coletiva, Richard expressa um forte sentimento de pertencimento à nação biafrense e desfiliação da identidade européia. O deslocamento identitário que Richard vivencia vai ao encontro do que Hall (2005) classifica como sujeito pós-moderno. O autor sustenta que, na pós-modernidade, os sujeitos possuem identificações divergentes dentro de si, passando a assumir diferentes identidades em situações diversas.

Nesse sentido, pode-se inferir que, mediante suas vivências na Nigéria e interações com os nigerianos, especialmente com os biafrenses, Richard tem as suas concepções identitárias antigas desarticuladas e novas idiosincrasias desenvolvidas. A exemplo desse processo de fragmentação da personagem Richard, destaca-se a passagem em que ele conta para Kainene sobre como fora recepcionar os jornalistas estrangeiros e como se chamaria o título do livro que ele aspirava escrever:



De volta a Orlu, contou a Kainene sobre os jornalistas, a raiva e o dó que sentira do ruivo, a solidão inacreditável que sentira na presença deles e de como o título do livro viera de supetão.

Ela arqueou as sobrancelhas. "Nós? O mundo estava calado quando nós morremos?" "Vou fazer questão de anotar que as bombas nigerianas evitaram com o maior cuidado qualquer um com passaporte britânico." (Adichie, 2008, p. 432).

No recorte apontado, Kainene, ao ouvir o título do livro que Richard propunha-se a escrever, surpreende-se com o “nós” empregado. Ao se colocar como parte de um coletivo, Richard demonstra se reconhecer como parte dos biafrenses. Destaca-se também como, enquanto a imprensa internacional somente queria promover relatos sensacionalista em que os biafrenses “entoavam alguma reza tribal enquanto executavam assassinatos” ou “comiam partes do corpo” (Adichie, 2008, p. 199), tornava-se mais imperativo para Richard escrever sobre a indiferença do Ocidente com relação aos horrores da violência experienciados pelos biafrenses durante a guerra. Para Richard, o livro seria “uma acusação para o mundo”, uma forma de confrontar a falsa civilidade e moralidade ocidental.

Dentro da narrativa de *Meio Sol Amarelo* (2008), outra personagem que também sofre um deslocamento de sua identidade cultural é Ugwu, um jovem que deixa sua aldeia natal para trabalhar na casa do professor universitário Odenigbo. A forma como a chegada de Ugwu a residência de Odenigbo é descrita na obra expressa como o rapaz é confrontado com uma realidade muito diferente da sua de origem. Em Nsukka, Ugwu passa a ter acesso a um outro padrão de vida, como viver em uma casa confortável equipada com eletrodomésticos como geladeira, que além de ser um objeto extremamente peculiar para ele, também estava cheio de comida, algo que fascinou o rapaz, visto que em sua aldeia a comida era escassa. Toda a fartura e modernidade na casa de Odenigbo confrontam a construção de Ugwu enquanto sujeito em vários aspectos, principalmente na formação de seu pensamento crítico.

Devido a vulnerabilidade socioeconômica de sua família, Ugwu teve de abandonar os estudos muito cedo. Na trama do romance, Odenigbo passa a ter um papel fundamental na retomada de Ugwu aos estudos e no desenvolvimento mais amplo do senso crítico do rapaz. Odenigbo não somente coloca Ugwu para estudar na escola para ter uma educação formal, mas ensina a ele a ter um olhar questionador sobre como a África e o povo ibo é representado ao longo da história, advertindo o rapaz de que

“Existem duas respostas para as coisas que eles vão lhe ensinar sobre a nossa terra: a resposta verdadeira e a resposta que você dá na escola para passar de ano. Você tem que ler livros e aprender as duas versões. Eu vou lhe dar livros, livros excelentes. O Padrão interrompeu o que dizia para tomar um gole de chá. “Eles vão lhe ensinar que um homem branco chamado Mungo Park descobriu o rio Níger. Isso é besteira.



Nosso povo pescava no Níger muito antes que o avô de Mungo Park tivesse nascido. Mas, no seu exame, escreva que foi Mungo Park.” (Adichie, 2008, p. 21).

Nota-se como a fala de Odenigbo promove a contestação e revisão da “história oficial” arbitrária e ideologicamente contada sob a perspectiva ocidental. Segundo Adichie (2009), a forma com a qual as histórias são contadas e quem as contam depende de questões de poder. Historicamente, por possuir um maior poder político e econômico, alguns povos estabeleceram-se como superiores a outros, como pode ser inferido acerca do colonialismo, onde fora elaborada a relação antagônica entre europeus e não europeus. No colonialismo, o colonizador utilizou-se de seu maior poder econômico e político para discriminar e subalternizar o colonizado, manipulando estruturalmente como as histórias eram contadas, o que pode ser inferido a respeito do excerto destacado.

A interação de Ugwu com Odenigbo vai gradativamente alterando a condição de Ugwu enquanto um menino simplório com pouca instrução. Odenigbo propõe-se a munir Ugwu com livros que podem ajudá-lo a sair do estado de apenas assimilação acrítica para o exercício de um pensamento crítico desenvolvido. Apesar de no começo Ugwu ter dificuldade em ler e compreender o que lê, com o passar do tempo, a personagem vai dando sinais de uma maior capacidade de interpretação textual, ao ponto de produzir as suas próprias opiniões sobre determinado acontecimento, como pode ser atestado no seguinte trecho:

Até gostaria de sentir dó de verdade, pelo amigo político dela que fora morto, mas os políticos não eram como as outras pessoas normais, eles eram políticos. Lia a respeito deles no *Renaissance* e no *Daily Times* - eles pagavam bandidos para surrar os oponentes, compravam terras e casas com dinheiro do governo, importando frotas de longos carros americanos, pagavam as mulheres para recheiar as blusas com votos falsos e se fingir de grávidas. Sempre que escorria os restos de uma panela na pia, pensava na gordura da superfície como política. (Adichie, 2008, p. 151-152).

Emerge do fragmento destacado, uma discussão sobre o golpe de Estado por partes dos militares nigerianos recém anunciado no rádio. Ugwu estava na casa de Odenigbo, onde costumeiramente o professor universitário se reúne com amigos para discutir importantes aspectos da cultura, política e história nigeriana e africana. A partir do excerto apontado, infere-se que a convivência com militantes que transitavam na casa de Odenigbo, associados ao exercício de leitura que passou a vivenciar que Ugwu começa a formular opiniões e discursos próprios. Sua madura percepção sobre a realidade que o cerca emerge, por exemplo, da ideia que ele articula sobre os políticos. Para Ugwu, os políticos são uma classe de indivíduos corruptos e sem escrúpulos, que fazem de tudo para se manterem no poder.

É possível observar como o deslocamento geográfico experienciado por Ugwu,

juntamente às suas vivências com Odenigbo e seu universo social, atuam como mola propulsora do processo de emancipação social e cultural da personagem. Ao longo do romance, Ugwu tece a sua trajetória em um contínuo processo de deslocamento cultural, onde as suas noções identitárias são constantemente desarticuladas, e a personagem passa a assumir diferentes identidades.

Por meio de narrativas como as das personagens Richard e Ugwu, compreende-se que assim como as identidades não são estáticas e unicamente absolutas (Hall, 2005), as histórias também são plurais e possuem múltiplas perspectivas (Adichie, 2009). É a partir da construção de histórias plurais como as apresentadas em *Meio Sol Amarelo*, que Adichie (2008) empenha-se em desconstruir o mito das histórias únicas sobre a Nigéria, a África e suas africanidades.

Construção de gênero, interseccionalidade e transgressão

No que se refere à problemática de gênero, é voz corrente que, ao longo da história da humanidade, a figura da mulher foi subalternizada em relação ao homem. Em um duro processo de marginalização de sua feminilidade, a mulher fora, por muito tempo, privada do direito de se enunciar e existir para além dos papéis que lhe foram prescritos em um meio social feito por homens e para homens (Silva, 2021). Sob esta perspectiva de opressão baseada na ideia de gênero, pôde-se refletir sobre a problemática de gênero e a sua relação de interseccionalidade com outros marcadores sociais como raça e classe. Relação essa ainda pouco discutida ou até mesmo reconhecidas pelo discurso feminista ocidental (Kilomba, 2019).

Em sua obra *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, Grada Kilomba (2019) discorre sobre como o complexo processo de reprodução da lógica colonial e suas práticas atua nas mais diversas esferas e aspectos sociais, sendo um desses aspectos o preconceito de gênero. Para a autora, apesar do homem negro sofrer com a discriminação racial, ainda lhe são imputados certos privilégios por ser homem, enquanto a figura da mulher é duplamente subalternizada pela questão de raça e gênero.

Ao buscar compreender as particularidades das problemáticas de gênero e a sua relação de intersecção com conceitos de raça e classe, voltamo-nos para uma das vozes femininas articuladas na escrita literária de Adichie em *Meio Sol Amarelo*. Sob a perspectiva feminina, o romance conta a história de Olanna Ozobia, filha da burguesia nigeriana da época,



que deixa o seu lar em Lagos para se tornar professora universitária em Nsukka e viver com seu namorado Odenigbo.

Olanna, apesar de ser descrita como "a boazinha, a favorita, a beldade da família" (Adichie, 2008, p. 297), com o desenvolver da trama, a personagem assume uma trajetória diferente da que lhe fora reservada pelos pais. Mediante essa ruptura, Olanna vai dando mostras do seu processo de construção identitária, que caminha no sentido de sua autonomia. Olanna rompe com o destino que lhe fora idealizado pelos seus pais: um casamento arranjado com um homem rico e influente que trouxesse benefícios aos negócios da família, como no momento descrito a seguir:

Olanna pôs a colher no prato. "Eu decidi ir para Nsukka. Vou em duas semanas."
Ela viu a maneira como o pai comprimiu os lábios. A mãe deixou a mão suspensa no ar por alguns instantes, como se a notícia fosse trágica demais para que continuasse salpicando sal na comida. "Pensei que você ainda não tivesse decidido", disse ela.
"Não posso adiar mais, caso contrário eles vão oferecer o cargo para outra pessoa", disse Olanna.
"Nsukka? É isso mesmo? Você resolveu se mudar para Nsukka?", perguntou o chefe Okonji.
"Exato. Eu me candidatei a uma vaga como professora do Departamento de Sociologia e consegui", disse Olanna. (Adichie, 2008, p. 42-43).

Na ocasião descrita pelo fragmento acima, o pai de Olanna convida o chefe Okonjo, Ministro das Finanças, para jantar com sua família na tentativa de aproximá-lo de Olanna e conseguir um contrato de construção. Durante o jantar, notabiliza-se a objetificação de Olanna como moeda de troca no jogo de poder corrupto e sexista do patriarcado. Contudo, como dito anteriormente, Olanna transgride o papel subserviente que lhe foi prescrito, impondo as suas próprias vontades: mudar-se para Nsukka, trabalhar como professora universitária e morar com seu namorado Odenigbo, professor na Universidade de Nsukka e nacionalista adepto a causa revolucionária.

Ao se posicionar contrária a ideia de casamento, recusando-se casar-se por conveniência, Olanna rompe com a idealização da figura feminina destinada ao matrimônio. Tal autonomia em poder escolher não se casar, ter acesso à educação e construir uma carreira profissional caracteriza-se um privilégio concedido a Olanna face a condição social de sua família. Privilégio esse que denuncia a desigualdade social das relações interseccionais entre classe e gênero, que se aflora no trecho a seguir:

'Quer dizer que você está indo para Nsukka para se casar com Odenigbo, irmã?', perguntou Arize.
'Casar, propriamente, não. Eu só quero ficar perto dele, e também quero dar aulas.'
Os olhos redondos de Arize eram de espanto e de admiração. 'Só mulheres que têm



todo esse estudo feito você podem dizer uma coisa dessas, irmã. Se as pessoas como eu, que não têm estudo, esperarem muito mais, vamos todos acabar extintos.’ (Adichie, 2008, p. 54).

Diante das afirmações de Olanna sobre não querer se casar oficialmente, a forma como Arize reage expõe duas questões: o espanto da moça demonstra como a mulher ainda é idealizada para o casamento e como a educação pode ser um meio de avanço na luta pela emancipação feminina. A criação da história única da divisão de papéis entre os gêneros, a partir da domesticação da figura feminina, creditou às mulheres a obrigação de existir em função do homem e da procriação como sua vocação natural, não lhe sendo permitido transgredir tal pressuposto. Tal questão torna-se evidente na seguinte fala da personagem Mama:

“E, para completar, os pais mandaram ela estudar na faculdade. Por quê? Muito estudo acaba com qualquer mulher, todo mundo sabe disso. Faz ela ficar com a cabeça inchada e aí começa a insultar o marido. Que tipo de mulher ela vai ser, me diga?” [...] Essas moças que fazem faculdade vão atrás dos homens até ficarem com o corpo inútil. Ninguém sabe se ainda podem ter filhos. Você por acaso sabe? Por acaso alguém sabe?” (Adichie, 2008, p. 119).

Mama, mãe de Odenigbo, é uma personagem descrita como "apenas uma mulher que morou a vida toda numa aldeia" (Adichie, 2008, p. 123). A descrição de Mama como uma mulher simplória e do meio rural enuncia o pensamento de um tempo marcado pelo patriarcado e o machismo, onde os papéis de gênero limitavam-se aos pressupostos estabelecidos por essas correntes ideológicas. Por ter cursado faculdade, Olanna não era bem-vista por Mama, pois estudar era considerado uma atividade masculina, sendo assim engendrado no imaginário popular tal atividade como algo negativo para as mulheres e prejudicial à ordem familiar. Entende-se que justamente porque a instrução possibilita às mulheres pensar a respeito de sua condição social e não aceitar a sua posição subalterna ao homem que a mulher foi privada de uma educação voltada para fora do ambiente doméstico.

Adichie (2008) utiliza-se de suas personagens femininas, como Olanna, para questionar o lugar da mulher na sociedade, elucidando os desafios de ser mulher e negra em um contexto de violência como a guerra. Quando o conflito eclode, Olanna passa por uma transformação em suas relações sociais, familiares e amorosas. Olanna, que outrora queria ser professora universitária, agora ministrava aula para crianças biafrenses em uma escola improvisada. Além do ensino de Matemática e Inglês, Olanna também instruía as crianças sobre a resistência de Biafra através de um de seus símbolos mais emblemáticos: a bandeira biafrense, como podemos observar no seguinte fragmento:



As crianças se acomodaram em tábuas, sob o fraco sol da manhã que jorrava pela sala sem telhado, enquanto ela desembrulhava a bandeira de pano de Odenigbo e contava a eles o significado dos símbolos. O vermelho era o sangue dos parentes massacrados no Norte, o negro era em sinal de luto pelos mortos, o verde era pela prosperidade que Biafra teria, e, por fim, o meio sol amarelo, que significava um futuro glorioso. (Adichie, 2008, p. 328).

Mesmo sem fazer parte do confronto direto com armas como os soldados biafrenses, Olanna busca fortalecer a causa de Biafra a partir da instrução das crianças. Fazendo alusão aos simbolismos expressos na bandeira biafrense, cumpre apontar como Adichie utiliza-se mais uma vez da narrativa para reforçar a importância da educação como ferramenta na luta pela emancipação de grupos outrora subjugados. Questionamentos como “Como é que podemos resistir à exploração se não temos as ferramentas para entender o que é exploração?” (Adichie, 2008, p. 20), são estratégias por meio das quais a autora busca problematizar como a negligência e o sucateamento da educação, não somente em seu aspecto formal, contribui para a fixação de grupos minoritários como inferiores e da superioridade da classe dominante.

Na tessitura de *Meio Sol Amarelo* (2008), destaca-se como tanto a Educação quanto a própria Literatura, enquanto fenômenos sociais, possibilitam a seus usuários refletirem acerca de suas condições de existência por meio da compreensão de como, em diferentes momentos históricos, as sociedades foram se estruturando e impondo os seus padrões. No romance, a autora reforça a ideia de que assim como algumas representações construídas acerca de um grupo são usadas para degradar e desumanizar, outras representações também podem restaurar a dignidade dessa comunidade e promover a sua valorização (Adichie, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho, destaca-se como a Literatura, em especial a nigeriana de autoria feminina, constitui-se importante ferramenta na (des)construção de discursos hegemônicos e das relações dicotômicas e antagônicas metrópole/colônia, colonizador/colonizado, europeu/não europeu. Relações essas que ainda se refletem na forma como a sociedade estrutura-se atualmente e na maneira como as relações sociais se efetivam.

Sob o entendimento do caráter ideológico das relações entre indivíduos e seus contextos cultural, histórico e político, cabe destacar como as noções de identidade das personagens centrais de *Meio Sol Amarelo* são afetadas e revisadas no contexto de guerra retratado no romance. A partir da problematização das narrativas da obra, ponderou-se como



concepções de raça e gênero são socialmente engendradas e naturalizadas no imaginário popular. Enquanto seres sociais, sublinha-se como as pessoas são intrinsecamente (re)moldadas mediante suas interações com o meio social em que se encontram inseridas.

A fim de se promover o reconhecimento e a valorização da cultura africana de modo efetivo, compreende-se como necessário trazer para o centro das discussões autores africanos e afrodescendentes que fazem de seus textos um espaço crítico de reflexão. A exemplo da construção do texto como esse lugar crítico-reflexivo, sublinha-se como Adichie (2008) faz uso da memória de seu povo como meio de resgatar as vozes silenciadas pela dominação colonial, dando margem a revisão da situação de subalternização prescrita à minorias como os sujeitos negros e as mulheres.

REFERÊNCIAS

Adichie, Chimamanda Ngozi. **Meio Sol Amarelo**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Adichie, Chimamanda Ngozi. **Os perigos de uma história única**. Oxford: Conference Annual - Technology, Entertainment and Design - TED Global, 2009. Acesso em 22 de abril de 2023.

Barbosa, Xenia de Castro; Gomes, Márcia Leticia. **Meio sol amarelo: a guerra civil nigeriana entre a História e a Literatura**. CONJECTURAS. Vol. 22, No 1, p- 918-942.

Barros, Valécio Irineu. **Do ocaso histórico à aurora narrativa: mobilidade e construção identitária no romance Meio Sol Amarelo de Chimamanda Ngozi Adichie**. 2021. 148 fls. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Morais, Thayana de Araújo. **Há coisas em volta do teu pescoço: questões de gênero em Chimamanda Ngozi Adichie**. Orientadora. Profa. Dra. Tânia Maria de Araújo Lima. 2017. 129 fl. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Silva, Debora Jean Lopes. **Mulheres na Literatura**: Escritas de autoria Feminina Negra. Orientadora: Ana Maria Marques. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2021. 139 fl.